

O OBJETIVO DA EDUCAÇÃO É DE DESENVOLVER A INTELIGÊNCIA

Matheus Estevam Pereira*

Douglas Giuliani Durigon**

Resumo: Neste trabalho vamos procurar fazer uma reflexão sobre a educação e humanização. Partindo da realidade do professor que é aquele que conduz seus alunos para o conhecimento, e para isso ele deve estar bem preparado, ou seja, ele tem que amar a sua vocação, e o seu trabalho primeiramente, e depois não parar de estudar, deve sempre estar atualizado. O professor nunca deve ser uma pessoa arrogante que despeja informações e impõe a suas ideias, mas deve ser aquele que está aberto para novas opiniões, para novos conhecimentos e ideias. Ele nunca poderá obrigar a ninguém a conhecer algo, mas poderá conduzir ao conhecimento. Na segunda parte do trabalho, vamos tratar sobre as realidades que temos na nossa sociedade. Os desafios que a educação passa hoje e suas perspectivas. Uma educação que está inserida em um pensamento utilitarista, que a busca pelos prazeres é muito grande. A humanização e a educação que deveria começar no contexto familiar, se lançam para as escolas. Assim concluindo o trabalho com o primeiro objetivo da educação, que é desenvolver a inteligência, nos alunos.

Palavras-chaves: Educação. Humanização. Escola. Sociedade.

Introdução

É necessário ter uma atenção especial para nossa educação e humanização. A vida começa por essas duas vias, a criança precisa ser bem educada e humanizada pelos seus pais. É o dever de todos os pais educarem e humanizar seus filhos. Mas infelizmente essas duas vias estão passando por um período delicado de transformações na sociedade que vivemos. Os pensamentos que se tem, e que prejudica na formação dos filhos é a busca pelo conforto, pelos prazeres e por uma vida melhor pautada no dinheiro.

Com essa realidade que as famílias estão inseridas, a educação e a humanização são terceirizadas, os pais não têm mais tempo de ficar com seus filhos porque tem que trabalhar o

* Acadêmico do 7º semestre do curso de Filosofia da Faculdade Palotina (FAPAS). Bolsista PIBID. E-mail: matheus_estevam90@hotmail.com

** Acadêmico do 5º semestre do curso de Filosofia da Faculdade Palotina (FAPAS). Bolsista do PIBID. E-mail: douglasgd@live.com

dia todo para dar melhores condições de vida a sua família. Sendo assim cabe à escola fazer o papel dos pais, de educar e humanizar.

Por isso nesse trabalho vamos apresentar alguns pontos que são importantes para educação e humanização dos alunos. Aonde o professor deve ser um testemunho de vida, que ele saiba conduzir os seus alunos para o conhecimento, que possam construir juntos, e não seja uma máquina de passar informações e os alunos de receberem somente. Também nunca perdendo o foco e objetivo da educação que é desenvolver a inteligência.

1 A importância do professor

Falar sobre educação é algo, de extrema importância para todos. Analisando alguns pontos pensamos bem, que para ter uma boa educação precisamos partir do professor.

O professor deve ser a peça mais importante na educação. Muitas vezes não acontece isso, porque os professores acabam não tendo uma boa formação ou não tem estímulos para poder buscar mais a formação permanente. É uma realidade bem presente hoje na educação, que não se valoriza o papel do educador.

Estudando uma obra de um autor chamado Jeffreys, ele comenta algo importante sobre o educador em sua obra e diz:

A verdade é que a proficiência em qualquer arte – seja pintura, música ou ensino – implica um treinamento, mas também exige mais do que isso. A prática não produz gênios; mas o gênio pode tirar proveito da prática. A inspiração serve de recompensa para o trabalho árduo, mas não de substituto para ele. O ensino tem suas técnicas, tal como qualquer outra arte. E o processo de aquisição dessas técnicas é o treinamento (JEFFREYS, 1975, p.15).

O educador precisa acreditar no seu trabalho, ele tem que se esforçar para fazer a diferença no seu trabalho, em outras palavras: precisamos de educadores que amem sua vocação e seu trabalho. O pensamento desse autor é interessante para o desenvolvimento e o crescimento da educação, porque todo aquele que treina bem algo, que busca aprofundar seu conhecimento, suas tarefas e seus exercícios ele conseguirá desempenhar bem suas tarefas, e consequentemente verá seus frutos.

Nossos professores necessitam se especializar cada vez mais, porque nossa educação necessita disso. Jeffreys escreve:

É igualmente verdade que um bom ensino implica mais do que uma técnica eficiente. O bom professor possui pelo menos duas outras qualidades além da

competência técnica. Uma delas é certo sentimento de vocação. O professor deve acreditar que o trabalho, em si mesmo, merece ser feito; e deve querer fazê-lo. O segundo requisito é que o próprio professor também seja uma pessoa educada – culta, civilizada, inteligente, zelosa, humana e autoconfiante (JEFFREYS, 1975, p.16).

O professor deve dar um testemunho de vida para os seus educandos, como pessoa humana, deve passar para os seus educandos o amor de querer conhecer, de aprender, de buscar ser uma pessoa educada, com valores éticos e morais. Ele tem que ser um ponto de referência para os seus educandos que vem de diversas realidades de vida. O professor tem uma tarefa muito importante para desempenhar dentro da sociedade, e para isso ele deve zelar pela sua vocação e pela sua missão.

O professor dentro da sala tem o dever de transmitir para os alunos seu conhecimento e também aprender com seus alunos. O conhecimento é algo que se constroem juntos, o professor não é uma máquina que só vai passando informações, e sim aquela pessoa que vai conduzindo seus alunos para o conhecimento. O conduzir os seus alunos implica em dar a eles autonomia necessária para que ele tenha o interesse em conhecer as coisas. Jeffreys diz:

O professor temo sagrado dever de respeitar a legítima autonomia de seus alunos como indivíduos. O que não significa que ele deve se manter de lado, jamais expressando suas próprias e firmes opiniões. Significa porém que ele jamais deverá se valer de meios ilegítimos, para influenciar a mente dos alunos. E, caso se pergunte: Quais são os meios legítimos e quais os ilegítimos de influenciar o modo de pensar de outras pessoas? – a resposta mais concisa será: São legítimos os meios que estimulam a atividade mental e ilegítimos os que a anestesiaram. É muito bem conhecido o recurso empregado em propaganda política e comercial e que consiste em apresentar uma ideia de uma maneira que pareça lisonjear a inteligência do cliente em perspectiva, mas que na realidade o coloca numa disposição de espírito receptiva e sem nenhuma crítica. É aí que está a diferença entre educação e (em seu sentido pejorativo) propaganda. É a distinção que gostava de fazer Sir Fred Clarke, muitos anos atrás; e que é vital para a compreensão do que significa um bom ensinamento (JEFFREYS, 1975, p. 85).

Por isso é muito importante o educador para nossa sociedade, pelo fato de não somente passar o conhecimento para os alunos, mas também de humaniza-los, de não deixar que se tornem pessoas arrogantes, que aprendem a escutar outras opiniões. Como o professor não tem a verdade absoluta ele vai buscar formar e ser formado; é isso que precisamos na educação, de professores que de autonomia ao seu aluno, mas que também ele seja incisivo quando necessário. E Jeffreys ainda diz:

O professor deve fazer o que estiver a seu alcance para ajudar os seus alunos em sua própria e sincera busca da verdade, quer terminem ou não concordando com ele. Ao mesmo tempo, deve ensinar-lhes que o direito a uma opinião deve ser conquistado

graças ao estudo do assunto em questão. A liberdade de pensamento não significa o direito de dizer tolices a respeito de um assunto inteiramente desconhecido. O professor tem todo o direito de reprimir severamente este tipo de arrogância, apesar da observação de Disraeli, quando afirmou que ‘Todo jovem tem direito de ser presunçoso até o momento em que é bem sucedido’. A legítima autoridade do professor vem do conhecimento, da experiência e do treinamento, mais que de sua posição. E o professor sensato tem sempre em mente que, tal como uma cartola, a dignidade não fica nem um pouco melhorada quando usada como pedestal (JEFFREYS, 1975, p. 85).

De fato o professor tem que dar o seu máximo para ajudar o seus alunos a ter o prazer de ler, de escrever, de pesquisar, de querer conhecer o mundo da sabedoria. Deixa seus alunos arriscar, a dizer às coisas que pensam mesmo que estejam equivocados, mas de a eles a oportunidade de errar de se arriscar. Assim fica mais fácil do professor fazer suas correções a suas contribuições, pelo fato deles quererem dialogar com o professor, deles sentirem vontade de ir além daquilo que eles possam imaginar, ou seja, deles saberem que tem muitas coisas para descobrir ainda. Saber dialogar, e saber trabalhar com a liberdade do aluno é abrir o campo para o conhecimento e para a educação. Jeffreys escreve sobre o aprendizado e a busca pelo conhecimento, que começa dès de cedo pelas crianças, e afirma:

Não constitui uma atitude inteiramente cínica ver o ensino e o aprendizado como coisas opostas uma à outra. As crianças querem aprender. São cheias de curiosidade, querem explorar o universo e suas próprias faculdades, são aventureiros entusiásticos. Mas as coisas que desejam explorar não são muitas vezes as que os seus professores estão procurando ensinar-lhes. Daí o conhecido contraste entre o entusiasmo da abordagem espontânea da vida por parte da criança e o tédio de sua resignação dentro de uma sala de aula (JEFFREYS, 1975, p. 83).

A vontade de querer aprender brota dès de pequeno, ainda nos por que. O professor deve começar a valorizar o seus alunos nessa realidade que vem de casa. Sabemos que muitos vêm de uma realidade comprometedora, mas temos que acreditar e usar de algum meio que resgate esses alunos para o aprendizado. Na infância que é a melhor fase da vida que eles perguntam de tudo, e tudo eles querem conhecer, é momento de aproveitar para conduzi-los ao conhecimento. Não se pode privar, ou submergir essa vontade de conhecer as coisas, mas sim valorizar e acreditar naquele indivíduo que mal sabe ler ou falar.

No próximo capítulo vamos ver alguns elementos que vão nos ajudar a entender, porque os professores são importantes e não devem desistir de seu trabalho e da educação.

2 A educação e seus desafios na nossa sociedade contemporânea

No capítulo anterior, foi feita uma análise do educador e seus desafios. Na sociedade em que vivemos e no sistema educacional que temos, o professor deve perseverar a sua vocação. A educação conta com os esforços do professor e com suas capacidades de humanizar e educar seus alunos. Nesse capítulo vamos analisar o professor e o educando, inseridos em uma sociedade que o conhecimento e a educação estão em decadência.

Nos dias de hoje, o que está sobressaindo é o ter, é a busca pelos bens, pelos prazeres, ou seja, coisas momentâneas. Essa busca incessante por essas coisas faz com que a educação, os valores, morais, éticos e a aprendizagem vão ficando em segundo plano. Pensamos que a educação e os valores começam dentro de casa, na família, mas a realidade que temos hoje é mais complexa. Os pais infelizmente estão terceirizando a educação de seus filhos, depositando o compromisso e a responsabilidade de educar na escola. Eles não têm tempo mais pra ficar com seus filhos porque trabalham o dia todo em busca de uma vida melhor, não tem mais paciência para brincar com seus filhos nos finais de semana porque estão cansados, e outros fatos que vão ocupando o espaço e o tempo dos pais. Assim os filhos vão sendo educados nessa perspectiva de buscar a autonomia o quanto antes. Indiretamente ou diretamente estão sendo educados dentro de um plano, ou em uma rotina de um adulto. Quanto mais eles estiverem ocupados menos trabalhos darão aos pais. É com essa realidade que a escola tem que estar preparada para receber e educar os alunos.

Muitas vezes a escola acaba não conseguindo desempenhar um bom trabalho de educar e humanizar, porque os alunos vêm com um pensamento que a escola é ruim e que só serve para informar, ou seja, que a escola só tem o papel de preparar para um vestibular.

Em uma sociedade utilitarista, que tudo é voltado para o ter, é um desafio educar os jovens para um outro viés, fora dessa estrutura que se cobra a todo momento uma produção dos jovens que leva a ele conquistar títulos e não conhecimento.

Com todos esses problemas acreditamos que seja difícil ensinar quem não quer aprender, e hoje pensamos que a escola não deve ser para todos, mas sim para quem quer estudar. Precisamos que o governo prepare bem os professores com bons recursos, as escolas e faculdades com boa estrutura, ou seja, dê condições para os professores e alunos, mas vai quem quer buscar algo para sua vida. Jeffreys escreve sobre isso:

A tensão entre o ensino e o aprendizado não resulta apenas do caráter acadêmico do currículo. Em certo sentido, é saudável querer aprender mas não gostar de ser

ensinado. Isto se deve, em última análise, ao fato de não podermos ser ensinados; só podemos ensinar a nós mesmos. Quase que se pode definir uma pessoa educada como sendo alguém que aprendeu a ensinar a si mesma. A única coisa que o professor pode fazer é ajudar a pessoa a aprender; não pode fazê-la aprender. É impossível ensinar alguém que não quer aprender. Existe um impulso natural e legítimo para a criação, e que se opõe a que nos metam numa forma. O cântaro tem direito de discutir com o oleiro. Não queremos dizer com isso que o professor seja supérfluo, mas sim que a função do professor é ajudar o aluno a aprender, assim como a função do jardineiro é ajudar a planta a crescer. Esta ajuda é necessária. É impossível aprender sem fontes e meios de aprendizado implicam, pelo menos nos estágios iniciais, uma intervenção de outras pessoas. Todo animal, de início, é um parasita, e o homem tem uma infância mais prolongada que a da maioria dos animais (JEFFREYS, 1975, p. 84).

Deste modo que dizíamos no capítulo anterior, que precisamos muitos dos professores para contribuir com a educação e a humanização, e se os alunos não querem estudar não podemos obriga-los a estudar. O governo cria uma lei que todos devem estar nas escolas, mas essa lei não conjuga com a realidade de ensino que temos.

Não podemos nos esquecer do primeiro objetivo da educação, que é desenvolver a inteligência. Se perdermos esse objetivo tudo estará confuso dentro da educação. Esse objetivo é o que sustenta a educação e se envolvemos com outras perspectivas e esquecemos de desenvolver nos alunos a inteligência nada adianta a escola e o professor. Nesta ideia Jeffreys escreve que nunca devemos desanimar de querer aprender e conhecer e diz:

Afinal de contas, faz parte da educação navegar por entre correntes e ventos de concepções de modo a buscar nosso próprio caminho para a verdade. Com este intuito, nossa ação deve sempre estear-se em motivos bem ponderados – pois os acontecimentos devem ser enfrentados como se apresentassem, sem nos dar tempo para reformular nossa filosofia. Todavia, devemos sempre acreditar que podemos estar enganados, e prontos para modificar nossas opiniões, se assim for necessário. Como escreveu John Milton há trezentos anos: ‘Aquele que acredita que vamos armar aqui a nossa tenda e que já descortinamos o panorama mais vasto que nos podem revelar as lentes perescíveis através das quais olhamos, ... esse homem, por esta mesma opinião, revela que ainda está muito longe da verdade’. E insiste: ‘A luz que conquistamos nos foi dada, não para sem contemplada para sempre, mas para que, com ela, possamos continuar a descobrir coisas cada vez mais distantes do nosso conhecimento’(JEFFREYS, 1975, p. 20).

O que esse autor nos apresenta é o que norteia todo esse trabalho, que o aprendizado, o conhecimento ele deve ir além daquilo que podemos imaginar, não podemos se fechar ao conhecimento. Devemos sair da ignorância de querer que a minha ideia ou a minha opinião seja a verdade absoluta. O conhecimento é para todos que querem buscar, e cabe aos bons mestres ajudar os seus alunos a chegar ao conhecimento.

Considerações finais

Neste trabalho conseguimos desenvolver e expor um pouco nosso pensamento a respeito da educação e a humanização dos nossos alunos. Sabemos que é um desafio muito grande hoje para as escolas. Mas não podemos desistir, devemos olhar para o futuro com esperança.

Creemos que os professores deveriam ser mais reconhecidos, porque a missão deles não é nada fácil. Muitas vezes estão sobrecarregados, mal tem tempo de fazer um curso ou até mesmo de preparar suas aulas. Precisamos muito de bons professores capacitados e motivados a desempenhar um bom trabalho.

No mundo que estamos vivendo precisamos de pessoas que façam a diferença, ou seja, pessoas mais humanas, pessoas que não pensam somente nos seus prazeres e no seu conforto, mas que estejam preocupadas em crescer na sabedoria, no conhecimento e na educação.

Tem um autor chamado Peter Buttiner que diz nas suas conclusões:

Podemos agora concluir: para construir a sociedade de confiança e solidariedade, de responsabilidade e de paz, necessariamente cada cidadão deve assumir responsabilidade consigo mesmo, como também para com a totalidade dos seres humanos e do planeta; nela tem de defender e realizar tanto obrigações e compromissos morais, quanto à liberdade individual sem interferir nos direitos dos demais (BUTTINER, 1999, p.226).

Esse autor vai de encontro com aquilo que trabalhamos que os pais devem ser os primeiros educadores, e o professor deve ser aquele que conduz os seus alunos para o conhecimento e que de a eles oportunidade de serem pessoas menos ignorantes. Assim cada um deve se preocupar com os valores morais e éticos dentro da sociedade que estamos inseridos, e sempre respeitando as pessoas que fazem parte da nossa vida.

Referências

JEFFREYS, Montagu Vaughan Castelman. **A educação:** sua natureza e seu propósito. São Paulo, SP: Cultrix, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1975.

KOHAN, Walter Omar; LEAL, Bernardina. (Org) Filosofia para crianças em debate. In: BUTTINER, Peter. **Pela Comunidade de investigação à sociedade de responsabilidade e solidariedade.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1999, p. 220-229.